

O verdadeiro Diálogo (em tempos de polarização)

Prof. PhD Marcelo L. Pelizzoli¹

Diante dos conflitos interpessoais ou mesmo maiores, o diálogo é a todo tempo citado. Mas o que é, de fato, Diálogo? Muito mais que conversar ou falar, trata-se do sentido originário da linguagem humana, o que lhe dá significação primeira. Comunicação refere-se sempre a algo da vida, do nosso mundo como *relação e trocas* e, portanto, da (inter)subjetividade que constitui o que somos. O diálogo, como *logos*, se funda na *presença* aberta dos sujeitos diante da vida, dos outros; tal presença precisa de uma entrega e confiança na essência humana relacional. Não somos apenas indivíduos, mas tudo que somos está na dependência da natureza e dos outros. Portanto, ele é a *arché* (origem) da comunicação humana.

Deste modo, quando se pode falar tecnicamente de *Diálogo*? Quando realizamos duas funções essenciais, uma passiva e outra ativa: a primeira, muito árdua de realizar, tão sensível quando potente a ponto de fundar a filosofia e a psicanálise, é a *Escuta*. A escuta leva consigo a *apreciação* e o *silêncio*, representando a verdadeira abertura de espaço num mundo fechado de classificações, identificações, imagens, enfim, coisificações; de modo que, escutar, não é um ato intelectual, mas antes uma disposição corpórea e emocional em que a atenção e consciência (que exigem energia e foco) se coloquem na abertura da *presença*. A segunda função, como motor do Diálogo, é uma consequência da Escuta focada. Esta qualidade revela ao interlocutor que estamos de fato interessados na relação, não apenas no conteúdo, mas na presença; esta qualidade é também a alavanca da Ciência e da Filosofia, pois gera toda investigação e busca possível. O que será ela? É a *Pergunta*. O perguntar é arte difícil e preciosa, pois, para tanto, preciso abrir espaços nos meus pressupostos, imagens e crenças, e me colocar no ponto de partida socrático: o *não saber*; ir além do meu referencial. Na relação, quando penso que *eu já sei*, há um grande risco de fechamento, acentuando um sujeito que pretensamente *tem razão*. E aí se iniciam os jogos ou lutas entre razões opostas, base de conflitos. Muitas das perguntas que são feitas numa disputa, são afirmações veladas, ou feitas para questionar e “pegar” o outro, ou mesmo ironizar, jogar, seduzir, convencer, chantagear.

De igual modo, quando busco apenas dar conselhos, explicar, afirmar, moralizar, consolar, “terapeutizar”, comparar, subestimar a dor, desviar e, enfim, o famoso julgamento ou juízo moral, tudo isto ainda me afasta do verdadeiro diálogo, como bem mostrou um de meus professores, Marshall Rosenberg (1934-2015), criador da Comunicação Não Violenta (CNV). A CNV mostra as armadilhas e consequências ligadas aos rótulos, avaliações, falsas perguntas, retóricas racionalistas, fugas, ataques, generalizações, entre outros. Ao mesmo tempo, confirma que a comunicação representa o “enriquecimento mútuo da vida”, se dividindo entre expressar honestamente o que estamos vendo, como fatos no mundo, perguntar e ouvir amplamente, para então expressar o que temos vivo dentro de nós, seja alegria, seja raiva. Porém, não qualquer expressão, mas expressar os elementos essenciais na

¹ Prof. Dr. Marcelo L. Pelizzoli – Titular da UFPE. www.ufpe.br/edr

relação: como nos sentimos, o que precisamos, e como vamos pedir e negociar as coisas e situações da vida, e até lutar – por meio da ação não violenta.

A *capacidade para o Diálogo* tem a ver com a abertura para a alteridade (o outro em sua diferença), e a disposição de aceitar; saber ouvir liga-se à condição do que tem alguma energia para amar, como dizia Krishnamurti, pelo acolhimento, valores positivos - verdade, justiça, assunção dos erros, reconhecimento da vulnerabilidade humana, perseverança, entre outros. Portanto, tem a ver com a antiga *abertura do Coração – Cor/Cordis*, raiz de todo Acordo, de todo Concordar, de todo Recordar, de toda grande Coragem humana de assumir o amor à vida e as dores associadas, recebida de seus pais, ancestrais e da *Natureza*.

As consequências das relações de *Discórdia* (cisão com o coração da vida), ou de não mais pensar, falar, emocionar e agir a partir do nosso centro (coração), de nossa verdade interhumana, se expressam no que chamamos de *violência*. Ela pode ser física ou de uma guerra bélica, porém, mais profundamente é estrutural, habitando a mente e coração fechado ou traumatizado das pessoas, e se manifesta na forma de exploração e exclusão econômica, simbólica, étnico-racial, xenofobia, LGBT fobia, preconceitos contra pobres, “rebeldes, prostitutas e ladrões”, pena de morte, vingança, militarismo, apoio à ditadura, crença cega em mitos políticos, fascismo, nazismo, machismo/patriarcalismo e outros.

Se não tocarmos o coração, a razão e a força de ação das pessoas, demoraremos muito tempo para produzir uma sociedade que usa os meios não violentos e o diálogo como principais formas de conseguir as coisas, e de lutar. Este é o convite desafiador e prático da Não-violência e Cultura de Paz como ação, organização e diálogo frente a uma cultura traumatizada e que por isto apelou à violência em sua cegueira.

Mini-curriculum

* **Marcelo L. Pelizzoli**, formado em Filosofia, Mestrado em Antropologia Filosófica e Doutorado em Filosofia (2000); *post doctor* em Ética Prática/Bioética. Professor do Mestrado em Direitos Humanos; Coordenador do Espaço de Diálogo e Reparação (EDR-UFPE). Apresentador do Programa de TV *Realidades – direitos humanos e cidadania*, TV Universitária. Formado em Constelações Familiares (2008 a 2009) (*Hellinger Institut Landshut*), em Terapia Corporal (*Open Orgonomy*) (2009 a 2014), em Círculos Restaurativos (Kay Pranis - 2012), em Comunicação Não-violenta (com Marshall Rosenberg - 2005). Precursor da Justiça Restaurativa em Pernambuco. Autor de 17 obras; sempre estudante da Vida. Contato: opelicano@gmail.com e www.ufpe.br/edr